

OS FEMINISMOS NA PSICANÁLISE: UMA ALIANÇA NECESSARIAMENTE TENSA CONTRA A LÓGICA PATRIARCAL

Lázaro Santos Tavares

Psicanalista

Membro da Escola Freudiana – Seção Teresina (EFPT)

Membro da Associação Brasileira de Bacharéis em Psicanálise – ABBP

(em processo de alteração estatutária para Associação Brasileira de Bacharéis em Estudos Teóricos
Psicanalíticos e Sociais – ABBETPS, em resposta à Portaria SERES/MEC nº 3/2026)

E-mail: lazarotavares.es@gmail.com | escolafreudianadeteresina@gmail.com

RESUMO

Este artigo defende que a relação entre os feminismos e a psicanálise constitui uma aliança paradoxal mas indispensável para uma crítica estrutural ao patriarcado. A partir da ambiguidade fundante em Freud e da formalização lacaniana do falo como significante e das fórmulas da sexuação, argumenta-se que a psicanálise oferece, através de sua teorização sobre a falta e o desejo, os instrumentos para sua própria desconstrução. O texto percorre as correções internas feitas por psicanalistas mulheres pioneiras, os diálogos contemporâneos com os feminismos interseccionais e *queer*, e os desdobramentos na clínica das novas configurações familiares. Sustenta-se, por fim, que a posição feminina tal como formalizada por Lacan – uma posição não-toda submetida à lógica fálica – configura uma ética singular, capaz de inspirar formas de vida que escapam aos ideais patriarcais de posse e completude. A experiência clínica e a reflexão literária, com exemplos aqui articulados, corroboram essa tese.

Palavras-chave: Psicanálise. Feminismos. Patriarcado. Jacques Lacan. Clínica Contemporânea.

1. INTRODUÇÃO: UM DIÁLOGO CONSTITUTIVAMENTE TENSO

Nos parece crucial começar afirmando: a psicanálise nasceu machista. Nasceu em um século XIX impregnado pelas estruturas patriarcais que normatizavam corpos, desejos e lugares sociais. Freud, um homem de seu tempo, não escapou a isso. No entanto, e aqui reside o ponto nodal de nossa argumentação, a psicanálise também gerou, a partir de seus próprios conceitos fundamentais – o inconsciente, a sexualidade infantil polimorfa, a primazia do desejo –, uma ferramenta de desmontagem dessas mesmas estruturas. Esta é a ambiguidade radical que funda o diálogo, sempre conflituoso e sempre renovado, com os feminismos. Não se trata, portanto, de uma simples aplicação de teorias feministas à psicanálise, nem de uma defesa acrítica da tradição psicanalítica. Trata-se de reconhecer, como bem apontou Vladimir Safatle (2018) em suas organizações sobre o tema, que o encontro se dá num campo minado de tensões produtivas, onde a crítica feminista força a psicanálise a rever seus pontos cegos, e a clínica psicanalítica, por sua vez, lembra a irredutibilidade do desejo singular.

A temática desarticula o clichê de uma harmonia apaziguadora entre feminismos e psicanálise ao sustentar a tensão como o único terreno possível para um encontro ético. Esta articulação rejeita o universalismo abstrato e **evidencia** os traços falocêntricos que historicamente permeiam o campo analítico, **compelindo** a teoria a abandonar sua 'torre de marfim' para se confrontar com as contingências políticas e sociais.

Nesse sentido, o trabalho problematiza a lógica patriarcal, tratando-a não meramente como um sistema social externo, mas como uma engrenagem de funcionamento que **opera** na organização do desejo, do poder e do saber. Ao desvelar os mecanismos que tentam reduzir a pluralidade do feminino ao 'Um' ou à categoria do 'falho', o texto rompe com o binarismo tradicional e **subverte** a lógica de dominação, reafirmando a clínica como um espaço de resistência e de escuta do múltiplo.

2. FREUD E LACAN: DO ENIGMA À FORMALIZAÇÃO DA FALTA

É incontornável partir de Freud. Em textos como *A Feminilidade* (1933), ele cristalizou leituras que hoje soam como estereótipos de época: a mulher como “continente obscuro”, a inveja do pênis como pedra angular da feminilidade (FREUD,

1933/1996). Contudo, numa operação teórica genial, o mesmo Freud que biologizou em certos momentos, inaugurou a desnaturalização do gênero. Ao demonstrar que a identidade sexual se *constrói* via complexo de Édipo e castração, e ao postular a bissexualidade psíquica, ele transferiu a questão do plano do *ser* (homem/mulher) para o plano do *desejar*. A identidade tornou-se uma identificação, portanto, algo precário, não um destino anatômico.

Lacan levará essa lógica ao seu paroxismo. Se em Freud ainda há resíduos de biologismo, Lacan opera uma *formalização simbólica* da diferença. Em *A Significação do Falo* (1958), o falo deixa de ser um órgão para tornar-se o significante privilegiado da falta, aquilo que ninguém “tem” mas a que todos estão referidos (LACAN, 1958/1998). A revolução lacaniana, porém, atinge seu ápice com as *fórmulas da sexuação*, apresentadas no Seminário 20, *Mais, ainda* (LACAN, 1972-73/1985). Lacan propõe ali duas posições lógicas (não biológicas) diante do significante fálico: uma masculina, que se estrutura pela totalização (todos são submetidos à função fálica, havendo uma exceção que a funda); e uma feminina, que é *não-toda* submetida a essa função, abrindo-se a um *gozo suplementar*. A célebre fórmula “*La femme n’existe pas*” (“A mulher não existe”) é a consequência radical desse raciocínio: não há uma essência universal “Mulher”, há apenas mulheres, no plural, cada uma inventando sua solução singular. A psicanálise, assim, fornece a arma teórica mais potente para criticar o patriarcado, mostrando-o como uma estrutura lógica falha, incapaz de totalizar a experiência do desejo.

3. CORREÇÕES E EXPANSÕES: AS PIONEIRAS E A FORÇA DA EXPERIÊNCIA

Antes mesmo do diálogo teórico institucionalizado, a prática clínica de analistas mulheres forçou revisões. Karen Horney (1926/2009) contestou frontalmente a inveja do pênis, sugerindo uma “inveja masculina da maternidade”. Melanie Klein deslocou o foco do falo para a relação ambivalente e poderosa com o seio materno. Joan Riviere (1929/2009), num artigo visionário, descreveu a “feminilidade como máscara”, uma performance para circunscrever a angústia causada por desejos e ambições socialmente lidos como masculinos. Essas mulheres não buscavam apenas corrigir a teoria; elas a expandiam a partir do encontro com o real da experiência. É o caso emblemático de Sabina Spielrein, que em *A Destruição como Causa do Devir* (1912) teorizou, a partir de seu próprio sofrimento e cura, a pulsão

de morte como componente intrínseco da transformação criativa (SPIELREIN, 1912/1994).

Nossa experiência clínica confirma a atualidade dessas intervenções. Atendo uma jovem profissional extremamente bem-sucedida que, no auge da carreira, foi tomada por uma crise de pânico e “falta de desejo”. O discurso social (e uma certa psicanálise normativa) interpretaria isso como uma recusa feminina à competição fálica. A escuta analítica, contudo, revelou outra coisa: seu sofrimento era o sintoma de um *gozo suplementar* que insistia e que não cabia no roteiro triunfante do “ter” (cargo, status, sucesso). O trabalho consistiu, justamente, em ajudá-la a não confundir esse gozo singular com uma falha, mas a inventar uma nova relação com ele. Outro caso, de um homem que sofria por não corresponder ao ideal de “provedor forte”, ilustra o sofrimento gerado pela prisão à lógica masculina da exceção. Ele não se via como a “exceção” (o Pai primordial), mas como uma fraude. A análise o levou a questionar essa identificação total com a função fálica, abrindo espaço para um desejo menos rigidamente ancorado nesse ideal.

4. DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS: DOS FEMINISMOS FRANCESES À INTERSECCIONALIDADE

O diálogo explícito com os movimentos feministas ganhou novos contornos a partir dos anos 1970. Os chamados “feminismos franceses” buscaram uma linguagem para o feminino fora da economia fálica. Luce Irigaray, em *Speculum* (1974/2018), denunciou o “falocentrismo” da psicanálise e da filosofia. Julia Kristeva (1980/2019) pensou uma força disruptiva no “semiótico”, ligado ao ritmo e à voz materna pré-linguagem. Já o encontro com a teoria queer, notadamente com Judith Butler, gerou um dos debates mais fecundos da atualidade. Butler (1990/2018) critica a psicanálise por supostamente instituir uma “matriz heterossexual” obrigatória, mas se apropria de conceitos psicanalíticos, como a identificação e a melancolia de gênero, para forjar sua teoria da performatividade. A psicanálise responde, como faz Colette Soler (2005), que a categoria lacaniana do *Real* – aquilo que não para de não se escrever, o gozo – escapa a qualquer performatividade e constitui um limite à plasticidade infinita das identidades.

Um debate atualíssimo, que ecoa nos congressos de psicanálise e estudos de gênero, é o desafio lançado pelos feminismos interseccionais e decoloniais. Eles questionam: a quem serve esse sujeito universal do inconsciente? Não seria ele,

também, um sujeito abstrato, branco, europeu e burguês? O grande desafio teórico-clínico do momento é pensar como as marcas de raça, classe e colonialidade estruturam e são estruturadas pelo inconsciente, um campo onde a psicanálise tradicional ainda tem muito a avançar.

5. A ESCRITA COMO ATO: O CASO LISPECTOR

A literatura oferece um testemunho privilegiado dessas tensões. Tome-se o caso de Clarice Lispector, escritora frequentemente abordada pela crítica psicanalítica. Sua escrita não representa o feminino; ela o *performar* como um gozo que rasga a linguagem. Em *A Paixão segundo G.H.* (1964), a protagonista, ao se deparar com uma barata, experiencia um êxtase repugnante que a desfaz de todas as identidades sociais – a mulher elegante, a artista – e a lança num encontro abjeto e real com o vivo. Não há falo que organize essa experiência. É um gozo feminino, no sentido lacaniano, que destrói significações e exige uma nova linguagem, cheia de hesitações, silêncios e cortes. Lispector encarna, na letra, a tese lacaniana de que há um gozo que não é fálico, um gozo do corpo que escapa ao significante. Sua obra é um laboratório clínico onde se testam os limites da teorização.

6. CONCLUSÃO: PARA UMA ÉTICA DO ‘NÃO-TODO’

Ao final deste percurso, fica claro que a psicanálise não é uma teoria sobre as mulheres, mas uma teoria que, ao formular a lógica do desejo e da falta, *desaloja* qualquer fundamento natural para a dominação patriarcal. Ela mostra que “homem” e “mulher” são posições no discurso, identificações sempre frágeis em torno de uma falta central. A grande contribuição do diálogo com os feminismos foi forçar a psicanálise a ler em si mesma tanto o veneno patriarcal quanto o antídoto. A posição feminina, tal como formalizada por Lacan, longe de ser uma desvantagem, aponta para uma ética. É a ética do *não-todo*, que não busca a completude imaginária, não almeja ser a exceção que tudo governa, e pode, portanto, inventar formas de vida e laços sociais menos pautados pela posse e pelo poder. Na clínica, isso se traduz em não reforçar ideais normativos. A tarefa do analista é escutar a singularidade do gozo que insiste para além dos mandatos de gênero, ajudando o sujeito a separar seu desejo mais próprio do discurso patriarcal que o capturou.

A aliança, portanto, é paradoxal, mas necessária. A psicanálise precisa da crítica externa e vigorosa dos feminismos para não se dogmatizar. Os feminismos podem se enriquecer com a sofisticação teórica psicanalítica sobre a constituição do desejo, evitando cair em um positivismo do gênero. Juntos, no atrito constante entre a desconstrução política e a escuta do inconsciente, podem forjar ferramentas mais afiadas. A lógica patriarcal é poderosa, mas a psicanálise, em sua melhor tradição, nos ensina que ela é, antes de tudo, uma fantasia. E o destino de toda análise é, justamente, atravessar as fantasias que nos governam.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREUD, Sigmund. **A feminilidade**. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933)**. Edição Standard Brasileira. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 105-125.

HORNEY, Karen. **A inveja do útero**. In: KEHL, Maria Rita (Org.). **Psicologia das mulheres: novas leituras psicanalíticas**. São Paulo: Escuta, 2009. p. 21-33.

IRIGARAY, Luce. **Speculum: espelho do outro mulher**. Tradução de Maria Lúcia B. N. de Oliveira e Maria Stela G. L. Gonçalves. São Paulo: Editora 34, 2018.

KRISTEVA, Julia. **Poderes da horror**. Tradução de Maria Carlota R. de Carvalho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2019.

LACAN, Jacques. **A significação do falo**. In: _____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. 2. ed. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

RIVIERE, Joan. **A feminilidade como máscara**. In: KEHL, Maria Rita (Org.). **Psicologia das mulheres: novas leituras psicanalíticas**. São Paulo: Escuta, 2009. p. 35-46.

SAFATLE, Vladimir (Org.). **Feminismos e psicanálise**. São Paulo: Blucher, 2018.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres: estudo sobre a diferença sexual na psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SPIELREIN, Sabina. **A destruição como causa do devir**. *Jornal de Psicologia Analítica*, v. 39, p. 155-186, 1994.